

Rússia e China: destacadas potências no tabuleiro do poder mundial

Manuel Cambeses Júnior ^a

Resumo: Nesta primeira quadra do século XXI novos atores vêm atuando no cenário geopolítico internacional, modificando alianças tradicionais e influenciando no equilíbrio do poder mundial. O presente artigo analisa a aproximação entre duas potências mundiais – Rússia e China –, particularmente no campo energético e no Conselho de Segurança da ONU, bem como suas implicações geopolíticas para as relações internacionais.

Palavras-chave: Geopolítica, relações internacionais, energia.

A formulação da recente aliança energética entre dois portentosos países, China e Rússia, tem acarretado, como corolário, uma grande inquietação no Ocidente. O acordo para fornecimento de gás aos chineses, que totaliza quatrocentos bilhões de dólares, indubitavelmente é o maior compromisso da história da Rússia e constitui uma impactante resposta estratégica às aspirações das duas nações.

Analisando o significativo fato em termos geopolíticos, este acordo

permite aos russos diminuir consideravelmente a dependência econômica da União Europeia, a cujas países é direcionada a maior parte de sua exportação de gás. Para os chineses, entretanto, significa satisfazer às necessidades básicas e crescentes de sua provisão energética, que seu fenomenal e acelerado desenvolvimento econômico demanda. A pretensão da República Popular da China é abandonar gradualmente a utilização do carvão, sua principal fonte de energia, em

^a Coronel Aviador. Associado do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



favor de alternativas menos poluentes e, certamente, mais eficientes.

Recentemente, em reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas, os dois países impuseram seus vetos na resolução tendente a condenar o regime do presidente Bashar Al-Assad, por violações aos direitos humanos na guerra civil que vem ocorrendo na Síria. Os vetos russo e chinês foram contrários a que o governo de Damasco seja levado à Corte Penal Internacional, onde se pretende investigar as acusações concernentes a crimes de guerra, em um conflito que já consumiu aproximadamente 150.000 vidas, nos últimos três anos.

O crescente isolamento de Moscou, por parte do Ocidente, em contrapartida, parece encontrar amplo acolhimento pelo governo de Pequim. O acordo elaborado com a China tem lugar, precisamente, quando a Rússia é vista com preocupação pelos norte-americanos, e, de maneira análoga, com os europeus, devido à escalada da crise que vem ocorrendo na Ucrânia. Faz-se mister ressaltar que o representante chinês na ONU se absteve do votar

no pleito que buscava impugnar o referendo independentista que teve lugar na Crimeia e que determinou, por maioria, a anexação dessa região à Rússia. Enquanto isso, os chineses enfrentam o temor de seus vizinhos: o Japão, em especial, se inquieta com a vocação expansionista do regime de Pequim nos mares situados à Leste e Sul da China.

É muito provável que o megacordo firmado pelo presidente Vladimir Putin com a China não signifique o afastamento da Rússia de sua tradicional relação e histórica identidade (embora parcial), com a Europa. A Rússia, entendida como um gigante entre dois mundos, certamente continuará a ser brindada pelo mandatário chinês Xi Jinping com um maciço apoio à sua destacada estatura como proativa protagonista no concerto das nações. A ideia da Rússia inacabada, isto é, aberta a todos os progressos, parece ser uma constante na esteira de sua evolução histórica. Convém recordar que entre os russos convivem, desde sempre, duas tensões centrais em sua própria perspectiva em relação ao seu papel no mundo: trata-



se de um país europeu? Ou, em realidade, uma ponte entre a Europa e a Ásia?

Não menos relevante é outra evidência de sua história: lamentavelmente, a Rússia deixou escapar de suas mãos

movimentos como o Renascimento e a Reforma, quando diversas transformações, em uma multiplicidade de áreas da vida humana, as-

sinaram o final da Idade Média e o início da Idade Moderna. Daí, a imperiosa necessidade do surgimento do benfazejo “salto para adiante”, sabiamente preconizado por Pedro, “o Grande”, que abriu as janelas da Rússia para o mundo, tradicionalmente introvertida e autosuficiente, dando um passo gigante com a implementação de eficientes ações nas áreas política, econômica, social, e cultural do país.

Convém lembrarmos que a aliança russo-chinesa deve ser lida e entendida em perspectiva histórica.

Contrariamente ao que se costuma pensar, as duas superpotências comunistas estiveram muito próximas de uma confrontação militar direta. A fricção geopolítica ocorreu em 1969, com o surgimento de um conflito

fronteiriço, desbordando para uma série de confrontos armados entre a União Soviética e a República Popular da China, que ocorreu no zênite da ruptura sino-

soviética dos anos 1960, causada pela competição entre os dois modelos de comunismo. A posse de uma ilha existente no rio Ussuri, chamada Zhenbao pelos chineses e Damansky pelo soviéticos, quase levou os dois países a uma guerra de consequências imprevisíveis.

A liderança e a visão estratégica de estadistas norte-americanos do porte de Richard Nixon e Henry Kissinger permitiram compreender que a China, temerosa de ser engolida pelo poder do império soviético, constituía, em realidade, um



Delegação chinesa na ONU.



importante ator central no futuro e, desse modo, o governo estadunidense reativou as relações com Pequim, a partir de 1972. A aliança Richard Nixon/Henry Kissinger e Mao Tsé Tung/Chou En-Lai, obviamente, tinha por objetivo conter o expansionismo soviético e, felizmente, permitiu alcançar, ao longo da década de 1970, a *détente* entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Na atualidade, os permanentes interesses do Ocidente deveriam levar os seus próceres a pensar com realismo e buscar, a exemplo de Nixon e Kissinger, as oportunidades entre realidades existentes no novo cenário mundial.

Esta compreensão, deveria partir da constatação de uma realidade inapelável: Rússia e China são, em termos históricos, nações que assumem a si mesmas, como grandes potências e importantes protagonistas do processo político global. Tanto em Moscou como em Pequim, a cúpula dos poderes entendem, de forma obstinada, que o

papel principal de ambos os governos é devolver às suas nações a liderança mundial do passado.

A recuperação do orgulho nacional e a grandeza perdida constituem o ponto de partida da agenda estratégica dos próceres russos e chineses. O mundo ocidental deve compreender e aceitar o desejo de ambos, como potências históricas, e, em especial, entender que na atual etapa do capitalismo global, a Rússia e a China estão destinadas a desempenhar um papel decisivo no curso dos acontecimentos mundiais. Ou seja, terão obrigatoriamente de se acostumar ao regresso de ambas ao primeiro plano do cenário mundial.

Rigorosamente, em termos geopolíticos, o que mais deveria inquietar o Ocidente não é o impaciente avanço das potências não-ocidentais, e sim o seu próprio retrocesso, em termos relativos, no tabuleiro do poder mundial. A História, sistematicamente, tende a penalizar os que não compreendem suas tendências mais profundas.

“Historia Magistra Vitae”